

EDGAR ALLAN POE

HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS

Seleção, apresentação e tradução

José Paulo Paes

 COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Dora Paes

Tradução anteriormente publicada pela Editora Cultrix Ltda. Copyright © 1958

Copyright de "Edgar Allan Poe" © 1949 by Jorge Luis Borges, com permissão de The Wylie Agency (UK) Limited.

"O contista"(Julio Cortázar, Valise de cronópio, trad. de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa, São Paulo, Perspectiva, 2006) foi gentilmente cedido pela Editora Perspectiva. 

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Alceu Chiesorin Nunes e kakofonia.com

Projeto gráfico

Alceu Chiesorin Nunes e Sarah Bonet

Ilustrações de capa e miolo

kakofonia.com

Preparação

Sergio Tellaroli

Revisão

Silvana Salerno

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Poe, Edgar Allan, 1809-1849

Histórias extraordinárias / Edgar Allan Poe; seleção, apresentação e tradução José Paulo Paes — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN: 978-85-359-3003-0

1. Contos norte-americanos I. Paes, José Paulo.

II. Título.

17-07647

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

SUMÁRIO

Apresentação 9

Ligeia 15

Pequena palestra com uma múmia 39

A carta roubada 67

O gato preto 97

O sistema do doutor Alcatrão e do professor Pena 113

O barril de Amontillado 143

O poço e o pêndulo 155

A máscara da Morte Rubra 181

Berenice 191

Sombra — uma parábola 207

O diabo no campanário 213

A queda da casa de Usher 227

O caixão quadrangular 257

O escaravelho de ouro 277

O coração delator 329

William Wilson 339

O retrato ovalado 369

O homem da multidão 377

O contista — Julio Cortázar 395

Edgar Allan Poe — Jorge Luis Borges 417

Novos comentários sobre

Edgard Poe — Charles Baudelaire 421

Sobre o autor e o tradutor 447

APRESENTAÇÃO

Na evolução das letras norte-americanas, Edgar Allan Poe ocupa um lugar à parte. E nem poderia deixar de ocupá-lo, pois, segundo observa Jacques-Fernand Cahen, os ianques simpatizam pouco com os artistas puros da estirpe de Poe e tendem a julgar um escritor mais pelos valores morais do que pelos valores estéticos contidos em sua obra.

Poe não incidiu, em momento algum, no moralismo estreito e convencional de seus contemporâneos. Esteta refinado, zombou abertamente das banalidades rimadas de Whittier e de Longfellow; subjetivista insofrido, nada em sua obra faz prever o realismo de crítica social que, por intermédio de Mark Twain e de Bret Harte, acabaria por dominar a literatura americana. Daí a dupla marginalidade de Poe: marginalidade do artista convicto de sua arte; marginalidade do homem zeloso das suas idiossincrasias.

Do homem, desfeitos os equívocos forjados por seu primeiro biógrafo, Griswold, sabe-se que teve vida sombria e atormentada. Uma sensibilidade enfermiça, aguçada pelo infortúnio e pela pobreza, encarregou-se de fazer dele um pobre-diabo, no sentido mais dramático da palavra.

Nascido em Boston, a 19 de janeiro de 1809, filho de pais atores, com a morte da mãe foi entregue aos cuidados de um próspero comerciante de Richmond, John Allan, homem de impulsos generosos, mas de mentalidade estreita,

que, embora acolhendo o menino em sua casa e batizando-o com seu nome, jamais pensou em adotá-lo legalmente. A sra. Allan, todavia, soube suavizar a infância do pequeno Edgar com sua ternura de mulher sem filhos; sempre que pôde, defendeu o órfão contra as iras do marido.

Não pertencendo, por nascimento, a nenhuma das famílias tradicionais de Richmond, Poe teve oportunidade de receber, não obstante, boa educação escolar. Frequentou mesmo, durante um ano, a Universidade da Virgínia, e, se lá não permaneceu por mais tempo, deve-se o fato menos à sovinice de John Allan do que às loucuras de seu afilhado. Beberrão e jogador, Poe viu-se logo acossado pelos credores, e tendo Allan se recusado a pagar-lhe os débitos, não lhe restou alternativa senão fugir, abandonando os estudos.

Em 1827, um ano após sua saída da universidade, encontramo-lo em Boston, vivendo de expedientes. Estimulada pelas leituras e pelo estudo das humanidades, sua vocação literária dá sinal de si pela primeira vez numa brochura publicada nesse mesmo ano sob o título de *Tamerlão e outros poemas*, modestamente assinada por “Um bostoniano”.

O livro não lhe traz nem glórias, nem os proventos esperados. Acossado pela fome, vê-se na contingência de procurar algum modo de ganhar honestamente o pão de cada dia. Sente-se atraído de início pela carreira das armas (um de seus antepassados lutara, ao lado do general Laffayette, nas guerras da Independência) e, durante dois anos, serve no exército americano. Ao fim desse período, uma carta de recomendação assinada por John Allan abre-lhe as portas de West Point, mas abre-as por pouco tempo: o gê-

nio indomável do jovem cadete logo provoca um incidente com um superior hierárquico e, desligado da famosa academia militar, vê-se Poe de novo na rua. O acontecimento enraivece John Allan sobremaneira, e sobrevém o rompimento final entre tutor e tutelado.

Até 1831, data em que aparece a segunda edição dos “Poemas”, Poe leva uma vida difícil, privado até mesmo do indispensável. Contudo, as coisas parecem mudar de feição logo depois. Há um concurso de contos instituído por uma revista literária de renome; Poe concorre com o “Manuscrito encontrado numa garrafa” e levanta o primeiro prêmio. Mais valiosas, no entanto, do que os dólares do prêmio, foram as amizades literárias que o primeiro êxito público lhe granjeou. Por meio delas consegue um lugar de redator na *Southern Literary Messenger*, revista de algum renome no sul do país, e, no prazo de um ano, Poe consegue transformá-la numa revista nacionalmente conhecida, conquistando, pelos bons serviços, o cargo de redator-chefe. Estabilizada sua vida material, decide-se então a contrair matrimônio com sua prima Virgínia Clemm, menina-moça de frágil silhueta e saúde precária, como convinha à companheira de um poeta romântico.

Pouco depois de casado, as esquisitices de Poe ocasionam seu rompimento definitivo com o proprietário do *Messenger*, e o poeta, abandonando o emprego, segue para Nova York, acompanhado da esposa, para reiniciar a via-crúcis de escritor ignorado dos hierofantes das letras.

Nos doze anos que ainda lhe restam de vida, Poe residirá ou em Nova York ou em Filadélfia e ganhará o pão

miseravelmente como editor ou articulista de jornal. Os anos de imprensa têm um efeito negativo sobre sua obra literária; quase tudo quanto então escreveu oscila entre a originalidade audaciosa e o plágio desavergonhado. Os contos escritos nesse período traem a marca de fábrica; a pressa jornalística se revela tanto na superficialidade do tratamento quanto no primarismo dos recursos usados. Em 1840, surgem os *Contos do grotesco e do arabesco*, em dois volumes, reunindo suas short stories. Três anos mais tarde, Poe alcança êxito nacional com a publicação de “O escaravelho de ouro” e, em 1845, finalmente, aparece *O corvo* e outros poemas, assim como nova edição dos “Contos”.

Em 1847, debilitada pelas inúmeras privações, morre Virgínia Clemm. A morte da esposa o abala profundamente, mas Poe, num desses contrastes de que seu gênio era fértil, recupera-se logo do choque. Tanto assim que, nos dois anos seguintes ao da morte da esposa, envolve-se em nada mais, nada menos que três casos amorosos. Em 1849, pensava inclusive em casar-se pela segunda vez quando, durante uma estada em Baltimore, para onde seguiria por motivos até agora ignorados, foi encontrado jazendo inconsciente numa sarjeta. Levado para o hospital, expirou sem recuperar totalmente a razão, vitimado pelos excessos a que se entregou, sem freio, durante sua curta existência.

Diante da obra literária de Poe, a atitude mais comum da crítica moderna é antes de restrição que de aplauso. Atitude bem diversa da de Charles Baudelaire, no século XIX, que saudou no autor de “O corvo” o “mágico das letras, que

intuía verdades imortais e fora dotado da divina faculdade de conjurar emoções supraterrenas”.

A primeira preocupação de Poe, como teórico da arte, foi a de despojá-la de tudo quanto julgava alheio e acidental à sua essência. Combateu com ardor a “heresia do didatismo”, o moralismo em arte, fenômeno corriqueiro na literatura vitoriana. Para ele, verdade e beleza eram coisas distintas, e não deviam ser misturadas, sob pena de abastardamento.

Relativamente ao conto, as ideias de Poe não se afastam das suas demais ideias sobre o fato artístico em geral. Preconizava, nesse gênero, o uso e abuso do que denominava “a unidade de efeitos”. Ao escrever uma short story, devia o artista ter sempre em mente o desfecho da narrativa e, de acordo com esse desfecho, dispor as cenas, criar a atmosfera, de modo a provocar no leitor um efeito definido de enterneecimento, de solidão, de horror etc.

Poe aplicou à própria obra suas teorias artísticas. Nos contos, por exemplo, seguiu à risca a técnica da “unidade de efeitos”. Obteve, por vezes, resultados excelentes, mas o abuso acabou por converter um recurso eficaz, se utilizado parcimoniosamente, num cacoete de estilo que chega a enfarrar.

O maior defeito dos contos de Poe é a monotonia dos efeitos e das situações. São sempre os mesmos castelos sombrios, os mesmos quartos bizarramente mobiliados, as mesmas mulheres fantasmiais, a mesma insistência no fúnebre e no aterrorizante. Um crítico benevolente como Allan Tate não hesita em classificar a linguagem de Poe de

“glutinosa”, e outro crítico, o bem menos benevolente D. H. Lawrence, acusa-lhe o estilo de “mecânico”.

De qualquer modo, o público não subscreveu a opinião da crítica. Edgar Allan Poe continua sendo escritor prestigiado pelo leitor comum, que ainda se encanta com suas histórias de terror. E talvez esse desprevensioso leitor esteja com a razão, pois, a despeito da linguagem “glutinosa” ou do estilo “mecânico”, Poe sempre consegue, em mais de um momento, provocar-nos aquele arrepião de morte ou aquela impressão de vida que, em literatura, constituem o melhor, senão o único, passaporte para a imortalidade.

JPP

LIGEIA



E ali dentro está a vontade, que não morre. Quem conhece
os mistérios da vontade e do seu vigor? Pois Deus não é
mais que uma grande vontade, penetrando todas as coisas
pela qualidade de sua aplicação. O homem não se entrega
aos anjos, nem se rende inteiramente à morte, senão pela
fraqueza de sua débil vontade.

Joseph Glanvill

Juro pela minha alma que não posso lembrar-me de como, quando ou mesmo precisamente onde travei conhecimento, pela primeira vez, com lady Ligeia. Desde então, longos anos decorreram, e os muitos sofrimentos por que passei perturbaram-me a memória. Ou talvez não possa recordar-me desses pormenores agora porque, na verdade, o caráter de minha bem-amada, seu raro saber, seu singular embora plácido tipo de beleza, a emocionante e aliciadora eloquência da sua veludosa fala musical, tivessem conquistado meu coração tão furtiva e constantemente que mal me dei conta deles então. Todavia, acredito que a encontrei inicialmente, e quase sempre daí por diante, numa grande, antiga e decadente cidade às margens do Reno. De sua família ouvi-a falar, com certeza, mais de uma vez. Que era de remota estirpe é fora de dúvida. Ligeia! Ligeia! Enfronhado em estudos de natureza tal que, melhor

que quaisquer outros, abafam as impressões do mundo circundante, somente essa doce palavra — Ligeia — pode trazer-me de volta aos sonhos da fantasia a imagem daquela que não vive mais. E hoje, enquanto escrevo estas linhas, a lembrança que me vem como um clarão — nunca soube o nome de família da que foi minha amiga e noiva, depois se tornou a companheira de meus estudos e, finalmente, a esposa do meu coração. Fora travessa injunção de Ligeia, ou tratara-se, antes, de uma prova para medir a força do meu afeto, o não ter feito eu perguntas sobre esse ponto? Ou talvez tenha sido capricho meu, exaltada e romântica oferenda deposta no altar da mais fervente devoção? Mal me lembro do fato em si; não é de admirar que tenha esquecido as circunstâncias que o motivaram e acompanharam. De fato, se algum dia o espírito chamado Romance — se jamais a pálida Ashtophet* do Egito idólatra, com suas asas tenebrosas, presidiu, como se diz, a esponsais de mau agouro, então, sem dúvida alguma, presidiu ao meu.

Há, no entanto, um assunto querido sobre o qual a memória não me trai. É a pessoa de Ligeia. Era alta de estatura, um tanto delgada e, em seus últimos dias, bastante emagrecida. Tentaria em vão descrever a majestade, o calmo desembaraço, a incompreensível leveza e elasticidade do seu andar. Ela chegava e partia como uma sombra. Nada denunciava sua entrada em meu gabinete de trabalho, a não ser a música querida da sua doce e veludosa fala, quan-

* Provável referência a “Ashtoreth”, deusa fenícia e egípcia do amor e da fertilidade, e “Tophet”, que, no Velho Testamento, é uma versão do inferno associada à idolatria egípcia de Moloch. (N. E.)

do pousava a mão marmórea sobre meu ombro. Em beleza de rosto, mulher alguma a igualou. Era a radiância de um sonho de ópio, visão aérea e encantadora, mais exaltadamente divina que as fantasias a flutuarem sobre as almas dormentes das filhas de Delos. Não obstante, nada havia em suas feições daquele modelado regular que aprendemos a cultuar nas obras clássicas do paganismo. “Não existe beleza rara”, explica Bacon, lorde Verulam, referindo-se, na realidade, a todas as formas e gêneras de beleza, “sem algo de estranho nas proporções.” Todavia, embora me desse conta de que as feições de Ligeia não eram de regularidade clássica; embora percebesse que seu encanto era inegavelmente “raro” e sentisse o muito que havia de “estranho” animando-o, mesmo assim eu tentava inutilmente localizar a irregularidade e formular minha própria concepção de estranho. Examinava o contorno de sua fronte elevada e pálida — era impecável. Como poderia palavra tão inexpressiva ser aplicada a majestade tão divina! A cútis rivalizava com o mais puro marfim, e que dominadora calma e repouso nas gentis proeminências das regiões acima das têmporas! Negra como asa de corvo, a cabeleira brilhante, luxuriosa e mansamente ondulada dava pleno significado ao epíteto homérico — “hiacintina”. Olhava as delicadas linhas do nariz: em nenhum lugar, a não ser nos graciosos medalhões dos hebreus, havia eu visto semelhante perfeição. Era a mesma voluptuosa maciez de superfície, a mesma quase imperceptível tendência para o aquilino, as mesmas narinas harmoniosamente arredondadas a revelar o espírito livre. Olhava a boca encantadora. Ali estava indu-

bitavelmente o triunfo de todas as coisas celestes: a curva magnífica do breve lábio superior, o jeito macio e voluptuoso do inferior, as travessas covinhas do rosto, a cor que falava, os dentes brilhando, de brilho quase cegante, aos raios sagrados que sobre eles infletiam, quando ela sorria o mais plácido, sereno e, ao mesmo tempo, o mais exultante de todos os sorrisos. Examinava a forma do queixo — nele também encontrava eu a graciosidade da largura, a maciez e majestade, a plenitude e a espiritualidade dos gregos, o contorno que o deus Apolo somente em sonho revelara a Cleómenes, o filho do ateniense. E, por fim, eu contemplava os grandes olhos de Ligeia.

De olhos, não encontramos modelos na antiguidade remota. Pode ser que nos olhos de minha bem-amada estivesse o segredo a que lorde Verulam alude. Quero crer fossem eles bem maiores que os olhos comuns à nossa raça. Eram, inclusive, mais rasgados que os olhos agazelados da tribo do vale de Nourjahad. Contudo, só ocasionalmente, em horas de intensa excitação, fazia-se notar essa peculiaridade de Ligeia. Nessas horas, sua beleza — pelo menos, assim a via minha fantasia exaltada — copiava beleza dos seres extraterrenos, a beleza da fabulosa huri dos turcos. As pupilas eram do negro mais brilhante, ensombradas por longas pestanas de azeviche. As sobrancelhas, de contorno irregular, tinham a mesma cor. A “estrانheza”, todavia, que eu descobria nesses olhos independia do formato, da cor ou do brilho deles; vinha, antes, da expressão. Ah, palavra sem sentido, sob cuja ampla latitude de mero som sepultamos nossa ignorância de tantas coisas espirituais!

A expressão dos olhos de Ligeia! Quantas vezes não refleti sobre isso! Quanto não lutei, durante uma noite inteira de verão, para sondá-la! Que era aquilo, mais profundo que o poço de Demócrito, jacente bem no fundo das pupilas de minha bem-amada? Que era aquilo? Dominava-me a ânsia de descobrir. Aqueles olhos, aquelas enormes e brilhantes e divinas pupilas, tornaram-se para mim as estrelas gêmeas de Leda, e eu me verti no mais devoto dos astrólogos.

Entre as muitas e incompreensíveis anomalias da ciência da mente nada existe de mais agudamente excitante que o fato — jamais, acredito, percebido nas escolas — de, em nossos esforços de recordar algo desde há muito esquecido, encontrarmo-nos na iminência da recordação, sem, contudo, sermos capazes de, finalmente, lembrar. Assim, quantas vezes, no meu intenso escrutínio dos olhos de Ligeia, não senti aproximar-se o conhecimento completo de sua expressão — senti-o aproximar-se — quase meu — para vê-lo evolar-se por completo dali a instantes! E (o mais estranho de todos os mistérios!) encontrei nos corriqueiros objetos do universo um círculo de analogias daquela expressão. Quero dizer que, imediatamente depois do período em que a beleza de Ligeia passou-se para o meu espírito, ali se entronizando como um altar, deduzi das muitas existências do mundo material um sentimento idêntico àquele que me rodeava e me penetrava quando seus grandes e luminosos olhos me fitavam. E, não obstante, mais do que nunca eu me sentia incapaz de defini-lo, de analisá-lo, de sequer enxergá-lo claramente. Reconheci-o, repito, algumas vezes na contemplação de uma vinha rapidamente

crescida, na contemplação de uma falena, de uma borboleta, de uma crisálida, de um riacho de águas murmurantes. Senti-o no oceano, na queda de um meteoro. Senti-o nos olhares das pessoas extraordinariamente velhas. E há uma ou duas estrelas no céu (uma particularmente, uma estrela da sexta magnitude, dupla e mutável, próxima da estrela grande de Lira) que, vistas pelo telescópio, comunicaram-me sensação igual. Certos sons de instrumentos de corda e, não raro, trechos de livros provocaram-na também. Entre outros exemplos, lembro-me bem de algo lido num volume de Joseph Glanvill que (talvez devido apenas a sua singularidade — quem o sabe?) nunca deixou de inspirar-me tal sentimento: “E ali dentro está a vontade, que não morre. Quem conhece os mistérios da vontade e do seu vigor? Pois Deus não é mais que uma grande vontade, penetrando todas as coisas pela qualidade de sua aplicação. O homem não se entrega aos anjos, nem se rende inteiramente à morte, senão pela fraqueza de sua débil vontade”.

O correr dos anos e as meditações subsequentes habilitaram-me a traçar uma remota conexão entre essa passagem do moralista inglês e uma parte do caráter de Ligeia. A intensidade de pensamento, ação ou palavra era nela possivelmente um resultado, ou pelo menos um índice da poderosa vontade que, durante nosso longo intercâmbio, jamais deu provas mais imediatas de sua existência. De todas as mulheres que conheci, ela — a aparentemente calma Ligeia, a sempre plácida Ligeia —, mais do que qualquer outra, era presa dos tumultuosos abutres da paixão desenfreada. E de tal paixão eu só podia formar estimativa

pela miraculosa dilatação daqueles olhos que, ao mesmo tempo, me encantavam e atemorizavam; pela quase mágica melodia, modulação, clareza e placidez de sua voz tão grave; e pela feroz energia (tornada duplamente efetiva pelo contraste com seu modo de elocução) das árdegas palavras por ela ditas habitualmente.

Já me referi ao saber de Ligeia — era imenso, tal como eu jamais vira em mulher alguma. Era profundo seu conhecimento das línguas clássicas e, tanto quanto o podia avaliar minha familiaridade com os modernos dialetos da Europa, jamais a surpreendera em falta. E, com efeito, em qualquer dos temas mais admirados, simplesmente porque dos mais abstrusos da decantada erudição acadêmica, encontrara eu Ligeia alguma vez em falta? Com que singularidade, com que vibração esse aspecto da natureza de minha esposa impôs-se, apenas em nosso derradeiro período, à minha atenção! Eu disse que seu saber era tal que jamais encontrara semelhante em mulher alguma, mas onde está o homem que perlongou com êxito todas as amplas áreas da ciência moral, física e matemática? A essa altura, eu não me dava perfeita conta, como agora, de que os conhecimentos de Ligeia eram gigantescos, espantosos; e, no entanto, conhecia suficientemente sua infinita supremacia para resignar-me, com uma confiança infantil, a ser guiado por ela através do mundo caótico das investigações metafísicas nas quais estive ativamente empenhado nos primeiros anos de nosso casamento. Com que vasto triunfo, com que vívido prazer, com que funda esperança etérea eu sentia, quando ela se inclinava sobre mim, em es-

tudos apenas devassados, mas pouco conhecidos, abrir-se aos poucos à minha frente aquela deliciosa perspectiva por cujos longos, suntuosos e de todo indevassados caminhos eu poderia avançar até uma sabedoria preciosa e divina demais para ser esquecida!

Quão pungente, pois, haveria de ser a aplicação com que, anos mais tarde, contemplei minhas bem fundadas esperanças criarem asas e fugirem para sempre! Sem Ligeia eu não era senão uma criança tateando no escuro. Sua presença, as leituras que fazia, tornavam vividamente luminosos os muitos mistérios transcendentais em cujo estudo estávamos imersos. Falta do radiante lume de seus olhos, aquela literatura, dourada e ligeira, tornou-se mais opaca do que o chumbo. Pois aqueles olhos brilhavam cada vez menos frequentemente sobre as páginas que eu esquadriinha. Ligeia adoecera. Os olhos ardentes brilhavam com gloriosa e demasiada refulgência; os dedos pálidos adquiriram uma transparência cérea e fúnebre; as veias azuladas da alta fronte alteavam-se aos influxos da mais ligeira emoção. Percebi que ela ia morrer — e lutei desesperadamente em espírito contra o inflexível Azrael. E, para meu espanto, os esforços daquela mulher apaixonada eram mesmo mais enérgicos do que os meus. Muito havia em sua firme natureza para fazer-me acreditar que, para ela, a morte viria sem terrores; mas não foi assim. As palavras são impotentes para expressar com justeza a tenacidade da resistência por ela oposta à Sombra. Eu gemia de angústia diante do lamentável espetáculo. Queria acalmá-la, queria persuadi-la, mas, na intensidade do seu ardente desejo de viver, de